



A argila avermelhada das paredes de taipa da capela oferece um contraponto perfeito aos tons de cobre e à trama de fios da escultura de Iole

IOLE DE FREITAS: LEVEZA E TRANSPARÊNCIA EM ARTE GIGANTE.

A artista plástica mostra na Capela do Morumbi uma escultura gigantesca em metal, pendurada no teto por cabos de aço.

Os materiais, de dimensões e características industriais, costumam figurar apenas no cotidiano de musculosos operários metalúrgicos. São vergalhões, chapas e tirantes de cobre, metros e metros de largas telas de aço inox, além de grossos rolos de arame. É com esse conjunto de coisas pesadas que Iole de Freitas — uma artista carioca frágil e *mignon* que mantém os gestos e o porte de seus tempos de bailarina clássica — realizou a façanha aparentemente impossível de criar uma escultura de grande formato cheia de leveza, transparência e ritmo. A obra, de cinco metros e meio de altura por cinco metros de largura, será inaugurada hoje, ao meio-dia, na Capela do Morumbi, e integra a série de eventos para o local programada pela Divisão de Artes Plásticas do Centro Cultural São Paulo.

"O horário para a inauguração não poderia ser mais adequado", comenta Iole, que projetou sua escultura pensando em vê-la transpassada pelos feixes de luz que penetram pelas pequenas janelas da antiga construção do século XIX, em taipa de formigão (argila socada com pedregulhos de fundo de rio), recuperadas pelo arquiteto modernista Gregori Warchavchik no final da década de 40. A capela — que perdeu sua função religiosa para abrigar um espaço de exposições da Prefeitura — oferece um contraponto de cores e formas ideal para destacar a obra da artista. A argila avermelhada das paredes responde aos tons de cobre da escultura e a trama de fios metálicos da peça assinada por Iole tem sua contrapartida gráfica nas madeiras aparentes que sustentam o telhado do prédio.

"Estou muito feliz em trabalhar com essas dimensões", afirma Iole, 44 anos, que nunca tinha enfrentado o desafio de formato tão gigantesco, embora suas obras mais recentes já apontassem o caminho do monumental, como demonstrou em sua última individual em São Paulo, no Gabinete de Arte Raquel Arnaud, em junho do ano passado, quando criou uma peça de 3m20 de altura. A inauguração de hoje tem também

um sabor extra de vitória. Há pouco mais de uma semana da mostra, a artista enfrentou a dolorosa seqüela de um pinçamento de nervos da coluna vertebral, ocorrido no ano passado, e que exigia imobilidade absoluta. "Precisei negociar com o médico para não cancelar este compromisso", conta Iole, frisando que foi apenas graças a "uma bela demonstração de solidariedade" que o complexo e árduo trabalho de montagem de sua escultura conseguiu ser concluído.

Corte e costura

Os jovens pintores Fábio Miguez e Célia Euvaldo, amigos de Iole desde a época em que a escultora ocupava o polêmico cargo de diretora do extinto Instituto Nacional de Artes Plásticas — arregaçaram as mangas e executaram em 10 dias todo trabalho de "corte e costura" necessário para construir a enorme peça metálica, totalmente feita no

local e suspensa por cabos de aço a um grosso caibro que sustenta o teto da capela. Iole, impedida de fazer qualquer esforço físico, apenas comandou a montagem, consultando as detalhadas anotações de um caderno onde o trabalho foi pensado durante quatro meses.

A escultora ficou fascinada com a experiência de ver uma peça sua nascer sem o uso de suas mãos. "Foi um golpe mortal na minha prepotência de achar que apenas eu posso fazer meu trabalho. E foi também um atestado de maioridade para minha obra. Descobri que ela já tem um núcleo de pensamento estruturado, que pode ser explicado e compreendido por outras pessoas". O problema do gesto — que ela imaginava impossível de delegar e que a forçava a penosas jornadas de trabalho curvada sobre malhas de metal, também foi resolvido. A escultura suspensa na Capela do Morumbi mantém o mesmo traço amplo e gracioso

das obras anteriores de Iole — um grafismo materializado nos fios e nas dobras que organizam e dão ritmo a toda as formas e volumes da obra.

Mais uma vez, ficou reafirmada a evidência de que o campo de atuação do artista plástico contemporâneo está centrado nas idéias visuais que produz e não apenas na habilidade artesanal com que as executa. Iole começou a exercitar esses grafismos escultóricos no início da década de 80, usando fios metálicos ("aramões", como ela chama) e tubos de borracha. Sua fase atual iria irromper desses primeiros esboços tridimensionais, somados a uma sensível exploração das dobras, curvas e bolsões criados com telas translúcidas de cobre e alumínio.

Bailarina e designer

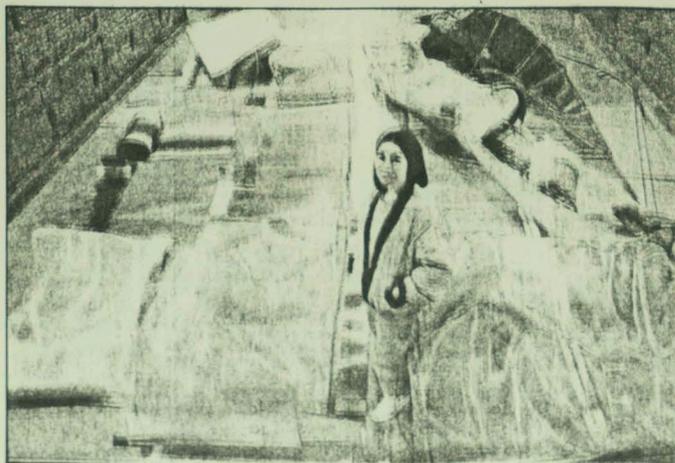
A escultura não foi uma decisão imediata na vida dessa dublê de bailarina e designer,

formada pela Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi). Ela também incursionou pela arte conceitual nos anos 70 — quando morou em Milão com o ex-marido, o pintor Antonio Dias. Foi na Europa que ela iniciou a carreira artística, expondo trabalhos em fotografia e curtas-metragens na biennial de Paris de 1975 e na biennial de Veneza de 1978. A volta ao Brasil significou assumir outra dualidade: ao mesmo tempo que se desenvolvia como escultora, iniciava carreira de funcionária pública, galgando postos na Funarte até ser demitida da direção do Inap, em meio a uma polêmica sobre os rumos que tinha imprimido ao Salão Nacional de Artes Plásticas. Atualmente ela se dedica apenas à carreira artística, onde conquistou um inquestionável prestígio, imune a demissões.

Sua obra, que guarda uma aparência de acúmulo quase casual de materiais, na verdade é o resultado de uma lógica implacável de construção e desconstrução das formas. "Confio muito mais no cálculo do que no acaso", resume ela. A escultura na capela do Morumbi traz algumas novidades na obra de Iole: as formas, que antes surgiam das dobras e bolsões criados pelo próprio peso das delgadas malhas metálicas, agora também podem nascer de elementos enfiados nessas alças e bolsões. A frontalidade de seus trabalhos foi rompida. A nova peça foi feita também para ser vista do "avesso" e em belos ângulos laterais, que deixam bem evidentes as linhas sinuosas e cheias de equilíbrio que estruturam todo o conjunto. Uma característica permanece: a ambiguidade entre os materiais rudes e a suposta fragilidade do conjunto. Ambiguidade que se reflete na autora, a fisicamente frágil Iole — uma das escultoras mais vigorosas do cenário brasileiro.

Angélica de Moraes

Iole de Freitas — Mostra de escultura gigante em telas e fios de metal — Capela do Morumbi (av. Morumbi, 5.387). Inauguração hoje, às 12h. Horário de terça a domingo, das 9h às 17h. Entrada franca. Até 27 de outubro.



Uma visão geral da obra, ainda no chão: um grafismo materializado nos fios e nas dobras que organizam e dão ritmo às formas e volumes da escultura.